

NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

13

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

SET 2019

ISSN: 2183-0924

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

13

SETEMBRO

2019

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Setembro de 2019**

Volume: **13**

Capa: Imagem aérea de Santa Vitória

(Foto: José Pedro Machado)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.

ÍNDICE

EDITORIAL	07
António Carlos Valera, Ana Catarina Basílio e Tiago do Pereiro O PROJECTO SANVIT: UM NOVO CICLO DE INVESTIGAÇÃO NO RECINTO DE SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR). OS RESULTADOS DA CAMPANHA DE 2018	09
Ana Catarina Basílio e Tiago do Pereiro O SÍTIO CALCOLÍTICO DE CORTE PIORNINHO 3 (SALVADA E QUINTOS, BEJA): NOTAS SOBRE A SUA OCUPAÇÃO E INTEGRAÇÃO NA PAISAGEM PRÉ-HISTÓRICA	19
Sarah Dalton and Ethan Selby LOOM WEIGHTS FROM CHALCOLITHIC AND EARLY BRONZE AGE PERDIGÕES (ALENTEJO, PORTUGAL)	27
Lúcia Miguel A TRANSIÇÃO BRONZE FINAL – IDADE DO FERRO NA MARGEM DIREITA DO GUADIANA. O CASO DA BASE DE CABANA DA RIBEIRA DE S. PEDRO (BALEIZÃO)	35
Lúcia Miguel, Pedro Albuquerque, Lucy S. Evangelista e Marina Lourenço TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA NECRÓPOLE SIDÉRICA DE MÉRTOLA: RESULTADOS PRELIMINARES DAS SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS	41
Nelson Cabaço, Marina Lourenço e Rodrigo Banha da Silva O COMPASSO DO ESPAÇO DE NECRÓPOLE ROMANA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, LISBOA	47
Rui Pinheiro CASTELO DE MIRANDA DO DOURO. PRINCIPAIS DADOS DE UMA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA NUMA PRAÇA FORTE DO NORDESTE TRANSMONTANO	55
Filipe Santos Oliveira PRODUÇÃO DE CACHIMBOS DE BARRO NA RUA DAMASCENO MONTEIRO (OLARIAS DE SÃO GENS), LISBOA: UM CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO	67
Inês Simão, João Miguez e Ever Calvo TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA RUA CAIS DO TOJO, Nº48-64, LISBOA. CONTRIBUTO PARA A EVOLUÇÃO DA FRENTE RIBEIRINHA LISBOETA	75
Ana Rosa INFRA-ESTRUTURAS PORTUÁRIAS CONTEMPORÂNEAS NA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA: O CASO DO QUEBRA-MAR IDENTIFICADO EM ALCÂNTARA	85



EDITORIAL

O “Oásis”

No início de 2019 o Complexo Arqueológico dos Perdigões foi classificado como Monumento Nacional. Trata-se do primeiro recinto de fossos a merecer esta classificação em Portugal. É o mais recente resultado de duas décadas de um programa continuado de investigação liderado pela Era Arqueologia, o qual pôs em evidência a importância e potencial científico e patrimonial do sítio, hoje reconhecido nacional e internacionalmente.

Para este desfecho contribuíram igualmente o Esporão S.A., proprietário de mais de dois terços do sítio, assim como as muitas colaborações com instituições de investigação e ensino superior portuguesas e estrangeiras e o Estado português, através de financiamentos a projectos de investigação desenvolvidos nos Perdigões.

Tendo sido reconhecido numa intervenção de minimização de impactos em 1997, o recinto dos Perdigões é hoje uma reserva arqueológica, um “laboratório” para a investigação das sociedades do 4º e 3º milénios a.C. e um caso de referência na expressão do fenómeno dos recintos de fossos na Península Ibérica.

Um exemplo que urge seguir, num tempo em que a reconversão agrícola do Alentejo está a afectar drasticamente e a um ritmo muito acelerado este e outros tipos de património arqueológico.

António Carlos Valera

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA NECRÓPOLE SIDÉRICA DE MÉRTOLA: RESULTADOS PRELIMINARES DAS SONDAGENS DIAGNÓSTICO

Lúcia Miguel¹

Pedro Albuquerque²

Lucy Shaw Evangelista¹

Marina Lourenço¹

Resumo:

Os trabalhos arqueológicos realizados no Largo do Terreiro da Feira, em Mértola, enquadraram-se no âmbito do projecto de execução que prevê a criação de uma área polivalente, de forma a dotar esta zona de infraestruturas que funcionem como áreas de estacionamento, zonas para realização de feiras e mercados, incluindo ainda a construção de um pavilhão multiusos. A execução deste projecto engloba uma zona para a qual é já conhecida, através de fontes bibliográficas e documentais, a existência uma necrópole, para a qual se avançou com uma cronologia da Idade do Ferro (Barros, 2008; 2013), assim como o uso do ritual de incineração por parte das populações que habitavam o núcleo de *Myrtilis* nesta fase.

Abstract:

Archaeological survey in the sideric necropolis of Mértola: preliminary results.

The archaeological works carried out at Largo do Terreiro da Feira, in Mértola, were part of the project that foresees the construction, in this area, of parking spaces for fairs and markets and the construction of a multipurpose pavilion. The execution of this project will affect an area for which the existence of a necropolis is already known, through bibliographic and documentary sources. An Iron Age chronology has been proposed for it (Barros, 2008; 2013), as its use at this stage, for the practice of incineration by the populations living in *Myrtilis*.

1. Introdução

Na noite de 6 para 7 de Dezembro de 1876, Mértola sofreu os efeitos de uma repentina subida das águas do Guadiana, que rapidamente invadiram as ruas da encosta do cerro onde se fundou Mértola, provocando uma destruição da qual a vila ainda hoje guarda memória. No entanto, esta catástrofe conduziu também à identificação de realidades arqueológicas que, até ao momento, se encontravam soterradas, motivando uma curta viagem de Estácio da Veiga a *Myrtilis*, em Março de 1877 (Barros, 1999). Durante os dez dias em que o eminente arqueólogo percorreu a vila e o seu território, tomou conhecimento de alguns sítios que apenas faziam adivinhar o enorme potencial arqueológico que viria a ser, pouco mais de um século mais tarde, valorizado com a fundação do Campo Arqueológico de Mértola em 1978, sobretudo no que respeita ao período islâmico.

Durante este período, e ainda depois, a Idade do Ferro nesta vila alentejana permaneceu praticamente desconhecida ou pouco estudada, apesar da identificação de numismas cuja iconografia indicava uma fundação pré-romana, do mesmo modo que o topónimo, cuja origem se debate desde, pelo menos, o século XVI (Veiga, 1880: 49; Albuquerque e García, 2017: 11 – 14). Este desconhecimento devia-se, principalmente, à falta de contextos primários desta cronologia identificados em Mértola ou, por outras palavras, ao facto de se conhecerem, pelo menos até às grandes intervenções do século XXI na vila (Palma, 2009; 2016; Lopes et al. 2010), materiais descontextualizados que se encontravam misturados com outros de fases posteriores (entre outros, Arruda et al., 1998; Luís, 2003; Barros, 2008; 2010; 2012; Albuquerque e García, 2017: 16ss.), ou inclusive dispersos pelo território do Concelho (Rego et al., 1996).

As escavações do Largo do Terreiro da Feira inscrevem-se neste contexto, uma vez que os materiais conhecidos anteriormente provêm da recolha de Estácio da Veiga e fazem parte das poucas intervenções arqueológicas em contextos sidéricos, ainda que seja de lamentar o mau

¹ Era – Arqueologia, S.A.

² FCT, Uniarq, Universidad de Sevilla.

estado de conservação do lugar onde se implantou esta necrópole. Nesse sentido, julgou-se necessário expor, num capítulo dedicado aos antecedentes (e antes da descrição dos trabalhos efectuados e respectivos resultados), o panorama da Idade do Ferro na vila e no território de Mértola.

2. Antecedentes

“[...] & querendo os Tyrios renovar naquela cidade a memoria de sua pátria, lhe chamarão Myrtiri, ou Mirtiris, diruandolhe o nome desta dicção, Myr, que segundo aponta o Bispo Pinheiro, quer dizer em lingoa Tira, cousa nova, & de Tyro sua primeira patria, de modo, que tanto val Mirtiris, como Tyro a noua. Muitos annos depois se lhe mudou corruptamente huma letra, & lhe chamarão Myrtis, & agora Mertola [...]”

(Brito, 1597: 145v – 146)

Antes de Estácio da Veiga, o estudo da ocupação de Mértola baseou-se, sobretudo, nos escassos textos clássicos que mencionam o antigo *oppidum*. Pompónio Mela (3.7) localiza-o nas imediações do *Cuneus*, Plínio – o – Velho (*Nat.* 4.117 – 118) assinala que era de direito latino, Ptolemeu (*Geo.* 2.55) afirma que se tratava de uma cidade turdetana e, por último, o Itinerário de Antonino refere uma *mansio* (431.6). Além destes documentos, conhecem-se outras fontes, entre as quais se destaca, em primeiro lugar, Ajbar mulūk Al-Andalus (conhecida como Crónica do Mouro Rasis, doravante CR) de Al – Rāzī, reproduzida na Crónica de 1344, onde se assinala, sem muitos pormenores, a identificação de edifícios antigos (Lévi-Provençal 1953: 88; Crónica de 1344, Cap. 36; CR, Cap. 26). Em segundo lugar, as obras do século XVI referem as estruturas defensivas de Mértola (Duarte d’Armas, 1510) e algumas “antiguidades” (Resende, ed. 1996), assim como a suposta origem tária do topónimo (A. Pinheiro, *apud* Brito, 1597: 145v – 146; proposta também referida nas *Memórias Paroquiais* de Mértola em 1758: 808; Boiça, Barros, 1995: 68) (Figura 1).

Os dados disponíveis para o estudo do passado pré-romano eram muito escassos e não permitiam ir mais além de especulações sobre a iconografia monetária das emissões mertolenses e sobre a etimologia do topónimo (cf. Veiga, 1880: 49ss.; Albuquerque, García, 2017: 12 – 14, com bibliografia). No entanto, Estácio da Veiga, no âmbito dos trabalhos de 1877, conseguiu avançar um pouco mais no (re)conhecimento das fases mais antigas da longa diacronia de ocupação da vila, embora as informações recolhidas não fossem conclusivas. Efectivamente, às suas mãos chegaram duas urnas “tipo Cruz del Negro”, publicadas posteriormente por Pedro Barros (2008; 2014), que apontam para uma cronologia inequivocamente sidérica (c. séc. VI a.C.) e para a prática da incineração por parte das populações que habitavam o núcleo nesta fase.

Os materiais recolhidos por Estácio da Veiga provinham, sobretudo, da encosta do Rossio do Carmo. Aí identificou

“fragmentos de ossos humanos, achados na terra das sepulturas excavadas nos schistos da rampa contigua ao Rocío do Carmo, mostrando assim terem aquelas sepulturas sido invadidas por nacionalidades que occuparon posteriormente a região myrtilense”, assim como um “prego, argolas de orelha e gonzo, de cobre, unicos objectos metálicos extrahidos em 1877” (Veiga, 1880: 27). Estes achados podem ser relacionados com uma estela com escrita do Sudoeste que foi reutilizada em épocas posteriores, com uma cronologia balizada entre os séculos VII e VI a.C. (Faria, 1994; Arruda *et al.*, 1998: 125), bem como com os materiais das fases mais antigas da Biblioteca Municipal de Mértola que se encontram, neste momento, em estudo (García *et al.*, no prelo).

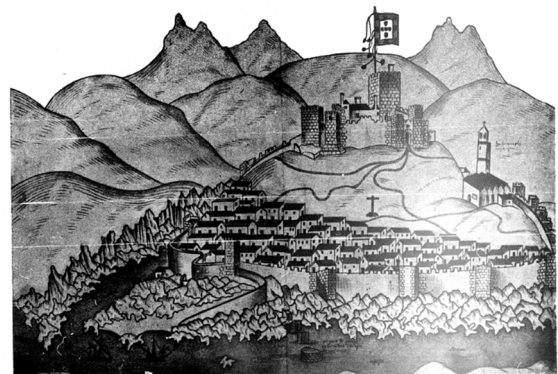


Figura 1 – Mértola no Livro das Fortalezas (Duarte d’Armas, 1510). Digitalização a partir de microfilme (BNP).

A fundação do CAM em 1978 trouxe consigo um aumento exponencial de trabalhos arqueológicos que não se traduziram imediatamente no desenvolvimento dos estudos sobre a Idade do Ferro. Foi, aliás, preciso esperar até 1996 para que se publicasse, pela primeira vez, uma síntese sobre este período na sede deste município alentejano e respectivo território (Rego *et al.*, 1996). Seguiram-se, nos anos seguintes, estudos que sistematizaram materiais descontextualizados, com destaque para o conjunto de cerâmicas áticas (Arruda *et al.*, 1998) e para os trabalhos de sistematização de Pedro Barros (2008; 2010; 2012; 2013), que até hoje são referentes incontornáveis. Num desses estudos, aliás, publicaram-se imagens das urnas entregues a Estácio da Veiga (Barros, 2008: fig. 6).

Devem também destacar-se, pela sua importância para o aumento quantitativo e qualitativo do conhecimento da Idade do Ferro, as escavações arqueológicas na área de expansão da Biblioteca Municipal de Mértola, dirigidas por Maria de Fátima Palma (2005) numa primeira fase, e por Inês Simão e Marina Pinto (ERA – Arqueologia), numa segunda (2010), bem como as intervenções no seguimento dos trabalhos no Eixo comercial de Mértola (Lopes *et al.*, 2010). Durante as primeiras, identificou-se uma estratigrafia potente com quatro grandes fases de ocupação, com início na Proto-história.

Este dado é de grande interesse, uma vez que se trata do primeiro contexto conservado conhecido e escavado na vila atribuível a uma cronologia sidérica (Palma, 2009; 2016; García *et al.*, 2017; Albuquerque, García, 2017), associado à muralha cujos troços foram identificados num perímetro considerável em torno ao antigo oppidum (cf. Hourcade *et al.*, 2003). Publicaram-se, até agora, alguns materiais destas intervenções, tanto osteológicos como cerâmicos (Palma, Rafael, 2012; Palma, Soria, 2017), encontrando-se, actualmente, em fase de estudo o acervo das unidades mais antigas (cf. García *et al.*, 2017; García, 2019; García *et al.*, no prelo).

Acrescenta-se, igualmente, o desenvolvimento de prospecções arqueológicas nas áreas adjacentes ao Guadiana no Concelho de Mértola, que resultaram na publicação recente de resultados preliminares (García *et al.*, 2017; Albuquerque, García, 2019; Albuquerque *et al.*, no prelo). Estes trabalhos inscrevem-se num projecto de investigação direccionado para o estudo do povoamento ao longo do rio e do património transfronteiriço (Albuquerque, 2017; Albuquerque, García 2019), financiado pela FCT e desenvolvido por um de nós (PA)¹. Além da construção de possíveis fronteiras territoriais, analisa-se também a construção de fronteiras sociais ou internas, reveladas, sobretudo, nos elementos associados à alimentação e nos enterramentos.

Neste sentido, as escavações arqueológicas na necrópole sidérica de Mértola, sita no Largo do Terreiro da Feira, constituem uma oportunidade para estudar outro contexto primário correspondente à Idade do Ferro (apesar do seu lamentável estado de conservação e protecção), a juntar aos já mencionados, bem como para levar a cabo uma aproximação às relações sociais estabelecidas entre os habitantes da antiga Myrtilis nas primeiras fases de ocupação, num contexto de inegável dinamismo comercial (cf. Albuquerque, García 2017; 2019).

3. As sondagens de 2018

Os trabalhos realizados no Terreiro da Feira em Mértola foram iniciados com a realização de uma prospecção geofísica na área intervencionada, que revelou a presença de diversas anomalias magnéticas. Estas anomalias determinaram a implantação de três sondagens de 2x2m, no total de 12 m², com o objectivo de proceder a um reconhecimento preliminar dos dados arqueológicos e do seu grau de conservação. (Figura 2).

3.1. Sondagem 1

A sondagem 1 foi implantada numa área onde eram já visíveis, no perfil do talude do estradão de acesso à Ermida Ermida de Nossa Senhora das Neves, os restos de uma sepultura, na qual se observavam já inclusões de cinzas e ossos com alterações provocadas pela acção do fogo. A sua intervenção confirmou a existência de uma sepultura escavada na rocha, de planta sub-rectangular, com os cantos arredondados e cerca de 0,70 m de largura (Figura 3).

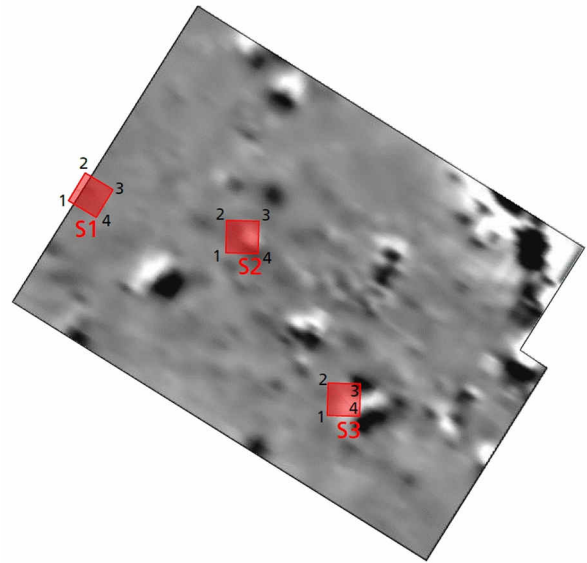


Figura 2 – Vista geral da implantação das sondagens de diagnóstico sobre as anomalias magnéticas identificadas na prospecção geofísica.



Figura 3 – Vista geral da sepultura 1.

Na base desta estrutura foi identificada uma deposição de cinzas e pequenos fragmentos de osso assim como alguns dentes. A ausência de sinais de combustão no interior da sepultura indica que a incineração do corpo terá ocorrido noutro local. Este depósito continha material osteológico tanto humano quanto faunístico, alterado por acção do fogo e alguns carvões. A análise preliminar, realizada em laboratório pela equipa de antropologia da Era-Arqueologia revelou que este material apresentava características comuns:

¹ Bolsa de pós-doutoramento com a referência SFRH/BPD/110188/2015, com o projecto *O Baixo e Médio Guadiana (sécs. VIII a.C. – I d.C.): percursos de uma fronteira* (acrónimo ANA-lise/ ANA-lisis).

1. Os ossos humanos encontravam-se altamente fragmentados, na sua maioria alterados por fogo e envoltos num pacote sedimentar no qual se incluíam cinzas, e carvões. Apesar da maior parte do material osteológico ser composto por pequenas esquirolas de osso não identificável, nos casos em que a identificação foi possível, foram registados fragmentos provenientes de diferentes partes do esqueleto (fragmentos de crânio, ossos longos, e presença de fragmentos de raízes de dentes) não sendo possível avaliar se são provenientes de indivíduos adultos ou de não-adultos, dada a sua pequena dimensão.
2. A observação macroscópica dos ossos humanos e da sua alteração cromática aponta para graus similares de exposição ao fogo;
3. Não parece haver diferença de tratamento entre os ossos humanos e a fauna presente no contexto funerário. Ambos apresentavam graus de fragmentação e alteração térmica macroscopicamente semelhantes;
4. Não foi possível observar se o depósito que continha material osteológico apresenta evidências de fogo *in situ*, uma vez que não foi intervencionada. Não foi igualmente possível observar termoclastos ou alterações térmicas no sedimento circundante que fossem consistentes com o local original de cremação. Também não é, nesta fase, possível afirmar se os fragmentos de carvões identificados são condizentes com um local de pira funerária, nem em termos de dimensão e nem em frequência (Figura 4).



Figura 4 – Fragmentos de ossos recuperados na Sepultura 1 do Largo do Terreiro da Feira.

Por fim, nesta sepultura foi ainda identificada uma pequena vala que poderá corresponder a um acto de destruição/violação. Esta violação foi efectuada até à deposição da incineração na base da sepultura, tendo ainda danificado parte da mesma.

O restante enchimento desta sepultura foi escavado somente até ao depósito que cobria directamente a cremação, não tendo sido identificado qualquer tipo de material de carácter arqueológico.

3.2. Sondagem 2

A sondagem 2 foi implantada numa área assinalada pela prospecção geofísica como uma anomalia de planta muito irregular, cujos trabalhos revelaram corresponder a uma violação/destruição de uma sepultura. Os depósitos que colmavam esta interface de destruição revelaram a presença de fragmentos de sacos plásticos, varetas de chapéus de sol, tubos em pvc, etc, associados a várias lajes de xisto correspondentes a parte da cobertura da sepultura, já em contexto secundário (Figura 5).



Figura 5 – Plano final da sondagem 2.

Apesar de esta sepultura se apresentar danificada em cerca de 80 % da sua totalidade, foi possível compreender que estaria escavada na rocha, apresentando uma planta rectangular e estruturada lateralmente por pequenas lajes de xisto em “cutelo”, com uma cobertura composta por um alinhamento constituído por grandes lajes do mesmo material, não tendo sido identificado nenhum tipo de material arqueológico e/ou osteológico.

3.3. Sondagem 3.

Tal como sucedeu na sondagem 2, a sondagem 3 foi implantada numa área assinalada pela prospecção geofísica como uma anomalia de planta muito irregular, cujos trabalhos revelaram corresponder a uma violação/destruição dos contextos pré-existentes. Desta forma, foi identificada uma grande interface negativa, cujo enchimento revelou a existência de tubos em pvc, toalhas de mesa e pavimentos em plástico, vidros de garrafa, etc, assim como algumas lajes de xisto que poderão eventualmente corresponder a restos de uma tampa de sepultura, localizada provavelmente fora da área da sondagem (Figura 6).



Figura 6 – Vista geral da sondagem 3.

4. Considerações finais

Os trabalhos realizados no Largo do Terreiro da Feira, em Mértola, permitiram confirmar a existência de uma necrópole de incineração, na qual os restos mortais foram depositados, após a sua cremação, no interior de sepulturas de planta rectangular escavadas na rocha. Estas encontram-se estruturadas lateralmente por lajes em xisto e apresentam ainda uma tampa, composta, nos casos observados, por um alinhamento constituído por grandes lajes do mesmo material.

Destaca-se, porém, a ausência de dados suficientes para definir uma cronologia suficientemente precisa. Poderá, não obstante, tratar-se de um espaço de enterramentos da Idade do Ferro, a julgar pela tipologia das sepulturas, pela identificação do ritual de cremação e, indirectamente, pelos materiais até agora publicados (Veiga, 1880; Faria 1994; Barros, 2008).

Deve assinalar-se também que o ritual de cremação pode ter-se prolongado durante o período romano, o que permite supor, a título hipotético, que as sepulturas podem, igualmente, corresponder a este período, ou mesmo a ambos, admitindo a existência de uma provável sobreposição. Esta ausência de dados é uma consequência de vários actos de violação e remoção que tiveram lugar neste espaço ao longo de várias décadas, o que, aliás, se depreende da leitura dos comentários de Estácio da Veiga (1880: 49ss).

A cremação pode ou não ter ocorrido no local de exumação dos ossos, contudo a presença de pequenas peças ósseas (dentes e demais fragmentos pequenos) atesta cuidado na eventual recolha e transporte dos restos humanos desde o local de cremação até ao seu depósito final.

A importância científica desta necrópole no conjunto dos conhecimentos sobre a ocupação da antiga *Myrtilis* é incontestável, uma vez que se trata de um contexto primário que pode ser atribuído, partindo dos argumentos expostos, a uma fase ainda pouco conhecida do antigo *oppidum*, e que pode fornecer elementos para a caracterização da

mentalidade das populações que, na primeira metade do I Milénio a.C., terão ocupado este lugar estratégico, definido por Pedro Barros como uma “plataforma comercial”. Os estudos realizados e publicados até ao momento confirmam a importância de Mértola no contexto da circulação de bens e pessoas no Mediterrâneo durante a Idade do Ferro e nos primeiros séculos da ocupação romana (Albuquerque, García, 2017; García *et al.*, 2017, com bibliografia).

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, P. (2017), “O Guadiana como fronteira? Notas para um projecto de investigação”. *Ophiussa*, 1, p.35-44.
- ALBUQUERQUE, P.; GARCÍA FERNÁNDEZ, F.J. (2017), “Mértola entre el Bronce Final y el inicio de la presencia romana: problemas y perspectivas de investigación”, *Habis*, 48, p.7 – 31.
- ALBUQUERQUE, P.; GARCÍA FERNÁNDEZ, F.J. (2019) – “Arqueólogos (s)em fronteiras: o Projecto ANA-lise e o estudo do povoamento do Baixo Guadiana (Portugal e Espanha) entre os séculos VIII a.C. e I d.C.”, *Revista Memória em Rede*, 11 (20), p.131 – 157.
- ALBUQUERQUE, P.; GARCÍA FERNÁNDEZ, F.J.; PALMA, M.^a de F. (no prelo), “Prospecções arqueológicas em 2016 e 2017 no Baixo Guadiana: Novos sítios identificados no Concelho de Mértola”.
- ARRUDA, A.M.; BARROS, P.; LOPES, V. (1998), “As cerâmicas áticas de Mértola”, *Conimbriga*, 37, p.121 – 150.
- BARROS, P. (2008), “Mértola durante os séculos VI e V a.C.”, in: Jiménez Ávila, J. (Ed.), *Sidereum Ana I: El río Guadiana en época post-orientalizante*, Mérida, CSIC, p.399-414 (Anejos de AEspA XLVI).
- BARROS, P. (2010), “Mértola entre os séculos VI e III a.C.”, *Maikake*, 32 (1), p.417 – 436.
- BARROS, P. (2014), “Mértola, plataforma comercial durante a Idade do Ferro. A colecção de Estácio da Veiga”, in Arruda, A. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e por mar*, Vol. 2. Lisboa, UNIARQ, p.688-697.
- BOIÇA, J.F.; BARROS, M.^aF.R. (1995), *As terras, as serras, os rios: Memórias Paroquiais do Concelho de Mértola*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- BRITO, B. de (1597), *Monarchia Lusitana, Parte Primeira, que contem as historias de Portugal desde a criação do mundo te o nascimento de Nosso Senhor Iesu Christo*. Alcobaca, Mosteiro de Alcobaca.
- FARIA, A.M. (1994), “Uma inscrição em caracteres do Sudoeste achada em Mértola”, *Vipasca*, 3, p.61 – 63.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, F.J. (2019), “Rumbo a poniente: el comercio de ánforas turdetanas en la costa atlántica de la península ibérica (siglos V-I a. C.)”, *Archivo Español de Arqueología*, 92, p. 119 – 153.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, F.J.; ALBUQUERQUE, P.; PALMA, M.^aF. (2017), “Mértola na Idade do Ferro: primeiros resultados de dois projectos de investigação”, *Arqueologia em Portugal 2017: Estado da questão*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p.161-170.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, F.J.; GARCÍA VARGAS, E.; SÁEZ ROMERO, A.; FILIPE, V.; PALMA, M.^a de F.; ALBUQUERQUE, P. (no prelo), “Mértola entre la Edad del Hierro y la Romanización: Nuevos datos a partir de las excavaciones de la Biblioteca Municipal”.
- HOURECADE, D.; LOPES, V.; LABARTHE, J.M. (2003), “Mértola: La muraille de l'âge du Fer”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6 (1), p.75-210.
- LÉVI-PROVENÇAL, É. (1953), La “Description de l’Espagne”, *d’Ahmad Al-Rāzī. Al – Andalus*, 18, p.51 – 108.

- LINDLEY CINTRA, L.F. (2009), *Crónica Geral de 1344*. Edição crítica do texto português por Luís Filipe Lindley Cintra, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- LOPES, PALMA, M.ª F.; GÓMEZ, S.; TORRES, C.; Feio, J.; BENTO, C. (2010), “Intervenções arqueológicas de emergência no Eixo Comercial de Mértola. Alguns dados preliminares”, In: Pérez Macías, J.A.; Romero Bomba, E. (coords.), *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Huelva, Universidad de Huelva, p.1174-1197.
- PALMA M.ª de F. (2009), *Arqueologia urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal) –Contributos para a História local*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Huelva.
- PALMA, M.ª de F. (2016), “Arqueologia urbana na área de expansão da Biblioteca Municipal de Mértola”, *Arqueologia Medieval*, 13, p. 5-16.
- PALMA, M.ª F.; RAFAEL, L. (2012), “Vidros, ossos e metais da Intervenção Arqueológica na Biblioteca Municipal de Mértola”, *Actas do VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Almodôvar, Câmara Municipal de Almodôvar, p.477-496.
- RESENDE, A. de (1996), *Antiguidades da Lusitânia. Introdução*, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes [ed. or. 1593], Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- SORÍA, V.; PALMA, M.ª F. (2017), “A cerâmica de tipo Kuass em Mértola (Portugal). As escavações da Biblioteca Municipal”, *Archivo Español de Arqueología*, 90, p.77-96.
- VEIGA, S.Ph.E. da (1880), *Memórias das Antiguidades de Mértola*. Lisboa, Imprensa Nacional.

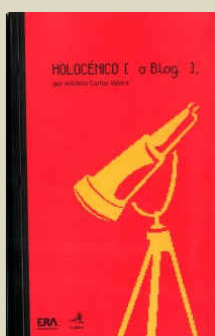
OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Arqueologia

Oito volumes publicados entre 2000 e 2008



Livro de fotografias de Manuel Ribeiro sobre os moinhos de água de Alqueva

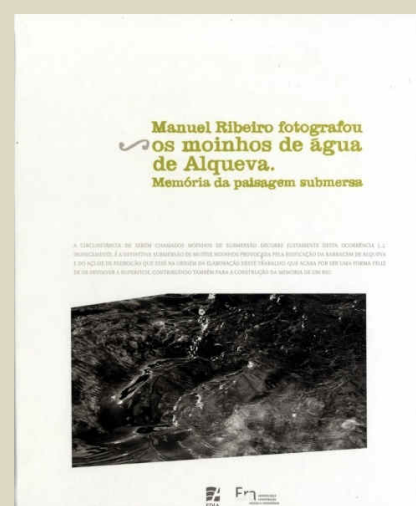
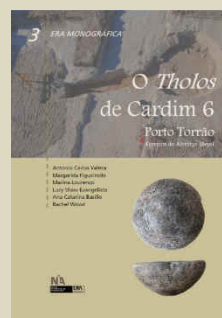
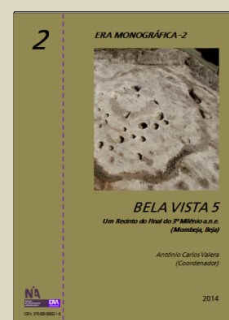
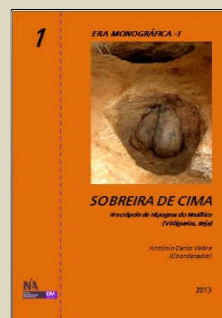


“Holocénico [o blog]” de António Valera

Textos sobre produção de conhecimento, património, arqueologia e o seu ensino e profissão.

Série ERA Monográfica

Três volumes publicados



ERA Arqueologia S.A.
Calçada de Santa Catarina, 9C
1495-705 Cruz Quebrada
- Dafundo

www.era-arqueologia.pt
geral@era-arqueologia.pt
nia@era-arqueologia.pt